Memória e professoralidade: olhares voltados para a entrevista

Cris Elena Padilha da Silva[[1]](#footnote-2)

GD5 –História da Matemática/Educação Matemática

Resumo do trabalho. O texto aqui apresentado está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, da Universidade Federal de Pelotas, e faz parte de reflexões para a construção de uma dissertação de mestrado, que tem por objetivo produzir fontes orais, analisar a história de vida de professores de Matemática, para entender o processo de professoralidade que passou no decorrer de sua trajetória. A metodologia utilizada será a História Oral e será realizada neste trabalho com uma professora de Matemática aposentada, da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, que atuou em algum momento na educação básica.

**Palavras-chave**: História da Educação Matemática; História Oral; Professoralidade; Pelotas.

Introdução

O trabalho aqui apresentado está vinculado ao Programa de Pós Graduação em Educação Matemática (PPGEMAT), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), referente à linha de pesquisa História, Currículo e Cultura, sob orientação do professor Dr. Diogo Franco Rios. Dialoga com trabalhos na área da História da Educação Matemática, principalmente aqueles que envolvem aspectos da formação de professores.

As pesquisas em História da Educação Matemática têm apresentado um crescimento significativo de trabalhos nos últimos anos, com expressiva produção acadêmica nos dois primeiros Encontros Nacionais de História da Educação Matemática (ENAPHEM), realizados em 2012 e 2014 (BRITO E MIORIM, 2016). A partir da edição de 2016 temos como marco a criação de uma nova revista científica: a Revista de História da Educação Matemática (HISTEMAT). Destaca-se outro evento científico importante na área, o Congresso Ibero-Americano de História da Educação Matemática (CIHEM), que este ano estará na sua quarta edição e será realizado na Espanha.

 Tendo como base o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, do CNPq, temos atualmente, 53 grupos de pesquisa, encontrados com os descritores História da Educação Matemática. Os grupos com maior número de produções na área são o Grupo de Pesquisa em História da Educação Matemática no Brasil (GHEMAT) e o Grupo de Pesquisa em História Oral e Educação Matemática (GHOEM). O GHEMAT, criado em 2002, é formado por pesquisadores de diferentes estados brasileiros, e que desenvolvem projetos com objetivo de produzir História da Educação Matemática e fontes para buscar entender a Matemática ensinada nos dias de hoje. O GHOEM, criado em 2002, com a intenção de reunir pesquisadores em Educação Matemática interessados em usar a História Oral. Hoje o grupo tem sede na Faculdade de Ciências da UNESP de Bauru, e conta com pesquisadores de diversas universidades e instituições, destacando aqui a linha de pesquisa: História Oral, Narrativas e Formação de Professores: pesquisa e intervenção.

 Volto o olhar especialmente para os trabalhos voltados para a formação de professores, memórias de professores, atuação profissional, processos de formação, no qual dialogam mais com meu trabalho, entrevistando professores de uma cidade específica no sul do Brasil, que ainda não foram ouvidos.

 Destaco algumas teses e dissertações que aproximam-se da minha pesquisa: “Vida de Professores de Matemática? Impossibilidades de leitura” (Emerson Rolkouski), “Educação Matemática e Nova Alta Paulista: orientação para tecer paisagens” (Ivani Galetti), “Retrações da Educação Matemática na região de Bauru (SP): uma história em construção” (Ivete Baraldi), “Vidas e circunstâncias na Educação Matemática” (Carlos Vianna).

 O trabalho de Rolkouski (2006), busca compreender como o indivíduo vai se tornando professor de Matemática ao longo de sua vida, suas vivências e relações com outros indivíduos. Entrevistou cinco professores de Matemática com diferentes titulações e voltou sua lente para um olhar sociológico. Concluiu que a formação do professor é fluida e escapa das teorias e que a cada momento o indivíduo assume sua subjetividade em meio aos outros a qual convive.

 Vianna (2000), entrevista professores para identificar se aqueles que exercem atividades no campo da Educação Matemática sofrem resistências por parte de seus colegas. Galetti (2004) e Baraldi (2003), abordam a formação de professores em regiões específicas.

 Esses são alguns dos trabalhos que voltam o olhar para o professor de Matemática, mesmo em contextos diferentes, tem em comum a formação e atuação desses professores, utilizando a História Oral como teoria metodológica. Apontam a importância de resgatar a História de pessoas que ainda não tiveram a oportunidade falar sobre sua trajetória vivida.

 No Rio Grande do Sul, pesquisadores como Elisabete Búrigo, Maria Cecília Bueno Fischer, Circe Mary Silva da Silva Dymikov, Andrea Dalcin e Diogo Franco Rios também desenvolvem trabalhos na área. Vários estudos estão sendo desenvolvidos para contribuir com pesquisas na área da História da Educação Matemática.

 Podemos destacar a Jornada de Estudos “Estudar para ensinar: saberes matemáticos nas Escolas Normais da França e do Rio Grande do Sul (1880 – 1980), que integra as atividades do projeto de cooperação CAPES – COFECUB “A matemática na escola primária nos séculos XIX – XIX: estudos comparativos entre o Brasil e França”, coordenado por Wagner Rodrigues Valente e Renaud d’Enfert, e do projeto CNPq “ Estudar para ensinar: práticas e saberes matemáticos nas Escolas Normais do Rio Grande do Sul (1889 – 1970)”, coordenado por Elisabete Búrigo, e conta com o apoio do Instituto de Matemática e Estatística da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade Federal de Pelotas.

 O projeto “A modernização da matemática em instituições escolares de Pelotas-RS”, junto ao Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) se propõe a produzir análises históricas a respeito das práticas educativas de matemática ocorridas na metade sul do estado do Rio Grande do Sul, localizando, identificando e analisando instituições de ensino e personagens relacionados com o ensino de matemática na cidade de Pelotas e outros municípios da região durante o século XX, coordenado por Diogo Franco Rios, no qual minha pesquisa pretende contribuir com fontes orais.

 Autores como Valente (2010), Garnica (2006) têm discutido a importância da História da Educação Matemática na formação de professores, e com este trabalho vejo a possibilidade em contribuir, ao produzir fontes orais com professores de Matemática da cidade de Pelotas, sendo que grande parte das pesquisas concentram-se nos grandes centros, como São Paulo.

 Valente (2010) destaca a importância para futuros professores de Matemática conhecerem o trabalho realizado por professores que já atuaram. O conhecimento do passado, abre caminhos para a formação do professor, visto que a história que é traçada por outros personagens é importante. Se o futuro professor mantiver relações com as práticas realizadas no passado, tende a desenvolver um trabalho de melhor qualidade.

O professor de matemática passa a ver o trabalho de seus colegas contemporâneos, e seu próprio fazer docente, de outro modo. Dá a seu ofício uma dimensão histórica. Considerar o trabalho do professor de matemática numa dimensão histórica permite uma compreensão diferente do sentido das ações realizadas nas salas de aula hoje. Ter ciência de contextos de outros tempos do ensino de matemática possibilita o entendimento do que são novidades e continuidades, na tarefa cotidiana de ensinar matemática a crianças, jovens e adultos (VALENTE, 2008, p. 11).

 Garnica (2006), mais especificamente, destaca a importância das fontes orais e da Educação Matemática no que diz respeito à formação de professores, onde as entrevistas com professores que já atuaram ou atuam a mais tempo no ensino de Matemática podem fazer parte de discussões nas disciplinas pedagógicas, aproximando o futuro professor de experiências já vivenciadas. Os alunos dos cursos de formação de professores ficam próximos a diferentes realidades que podem encontrar quando ingressarem na carreira, podendo já analisar e se posicionar.

 Nas entrevistas destaco a importância de resgatar a memória dos professores, que falam do passado, mas com elementos do tempo presente. Apontam a importância de resgatar a História dos professores, sua trajetória como professor, como reforça Rios:

[...] reforçando uma particularidade de uma pesquisa que se propõe a trabalhar com memórias: as narrativas de memória contam aquilo que os entrevistados viveram, impregnadas pelo modo como ainda se relacionam com seu passado e pelos significados que atribuem, no tempo presente, a tudo aquilo (RIOS, 2012, p.22).

 Este é um recorte da pesquisa de mestrado que estou realizando, tendo como objetivo produzir fontes orais, entrevistando professores de Matemática aposentados que trabalharam em algum momento na escola básica no Rio Grande do Sul, mais especificamente na cidade de Pelotas. Escutando o que eles têm a dizer sobre os caminhos percorridos, as dores da carreira, desafios, alegrias, angústias e dificuldades na trajetória como professor de Matemática, oferecendo para a História da Educação Matemática, especialmente da cidade de Pelotas, diferentes perspectivas sobre a formação desses professores.

**Caminhos da pesquisa**

A metodologia utilizada para a realização da entrevista é a História Oral, tendo como referência Thompson, Portelli, Bosi, Alberti e também Garnica que trabalha com História Oral e Educação Matemática.

A História Oral é uma metodologia de pesquisa, onde são gravadas entrevistas com pessoas sobre acontecimentos, instituições, modos de vida e outros aspectos relacionados à história. O pesquisador após definir seu projeto, escolhe a quem entrevistar, as entrevistas são transcritas e disponibilizadas para reflexões (THOMPSON, 1998).

A história oral é uma metodologia de pesquisa com características específicas. Thompson (1998), entende por História Oral como uma interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas memórias e experiências.

Segundo Portelli (2010), a história oral é uma metodologia capaz de identificar fatos que poderiam passar despercebidos. Identifica histórias muito particulares, que podem traçar novos caminhos para pesquisa e discussões. Quando ouvimos a narração de uma história vamos atribuindo importância a fatos que achamos mais importantes e sendo inseridos como sujeitos.

Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são *encontradas*, mas *cocriadas* pelo historiador. Elas não existiriam sob a forma em que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo (PORTELLI, 2016,p.10)

Como o objetivo do trabalho é entrevistar professores com o olhar voltado para suas trajetórias, suas idas e vindas pela profissão, suas escolhas, experiências, como o professor vai se constituindo o que é. Para tanto, o presente recorte traz o caminho percorrido pela professora Maria Mendonça, por atuar como professora de Matemática por mais de 50 anos, entendendo que já completou os ciclos referentes à carreira de professor, passando por todas as etapas da carreira profissional. A entrevista teve duração de 01h 04’ 38”.

A partir desse olhar destaco algumas das minhas indagações: “Como um professor se constitui professor?”, “Quais são os caminhos traçados por ele no decorrer dos anos?”, “Suas práticas tiveram alguma mudança no decorrer dos anos?”. Esses questionamentos que orientam meu trabalho constituem o desenho de como o professor se constitui na sua trajetória. Na entrevista realizada pedi para a professora falar sobre sua trajetória como professora de Matemática.

Na realização da entrevista tive o cuidado para deixar a professora contar sua trajetória, sem interferências. A entrevista foi realizada em um ambiente calmo tendo o cuidado em deixá-la à vontade, demonstrando interesse para que a professora pudesse sentir-se estimulada a falar (THOMPSON, 1998).

 A pesquisa se aproxima do conceito de professoralidade, apresentado por Marcos Villela Pereira, em 1997, que envolve um processo de constituição de si, envolvendo aspectos pessoais, profissionais e acontecimentos que estão presentes nesta trajetória do professor. O autor destaca também que para tornar-se professor, cada sujeito percorrerá sua própria trilha, que depende da história de cada um. E esta trilha, é apresentada neste trabalho como a trajetória de cada professor.

 Acontecimentos pessoais, sociais, acadêmicos, fazem parte desta construção de si, o ser professor, não acontece separado do eu sujeito, do profissional com o pessoal, pertencente a uma família, grupo social, políticas, ou a um determinado tempo. O professor pertence a um universo, dentro de uma coletividade. Esta marca mencionada por Pereira (2013), e que procuramos observar nas entrevistas com os professores de matemática, é o que o autor entende como professoralidade.

 **Ensaio de análise**

A entrevistada, Maria Mendonça, trabalha atuando como professora de Matemática à 50 anos. Fez o curso Normal na escola São José e sua graduação em Licenciatura em Matemática, na Universidade Católica de Pelotas. A ideia em ser professora surgiu na época em que escolheu fazer o curso Normal, e fala com muito orgulho que é uma normalista, daquelas que não existe mais hoje.

Depois do curso Normal queria fazer faculdade de Educação Física, mas na época não tinha na cidade, foi aí que apareceu a ideia em cursar Matemática. Depois de escolher fazer o curso Normal, a Matemática apareceu para a professora como segunda opção, identificando um fator externo interferindo nas suas escolhas.

Destaca como primeiro momento desafiador a indagação de um professor sobre a escolha por Matemática, saindo de um curso Normal que dedica-se pouco a área.

A partir daquele momento foi, foi um momento desafiador. Não demorou três meses e eu passei a ser até monitora dele, porque eu me dediquei muito, tinha que me dedicar muito, enquanto que os outros tinham uma bagagem que eu não tinha (MARIA MENDONÇA, 2017).

 Percebe-se na fala da entrevistada que este professor produziu uma marca importante na sua trajetória, ou seja, produziu um estímulo para que ela estudasse mais. Destacando na entrevista até a fala do professor, que ficou gravado na sua memória, dando construção a sua professoralidade com um incômodo causado no início da faculdade.

Durante a faculdade era monitora e trabalhava no Colégio Sales Goulart de que fala com muito carinho. Depois de formada lecionou em várias escolas, dentre elas: Ginásio do Areal, Colégio Municipal Pelotense, Escola Técnica Federal de Pelotas, São José, Gonzaga, Mário Quintana e cursinhos preparatórios.

Em um dado momento da carreira resolveu voltar a estudar e cursar Engenharia, na Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Nesse momento a professora sente a necessidade de olhar para outra profissão, mas logo em seguida foi submetida a um novo desafio: dar aula no mesmo curso que fazia. Resolveu desistir de cursar Engenharia, porque já estava com uma carga horária muito grande de trabalho.

 Montou seu próprio curso que preparava para qualquer concurso, destacando que era bem remunerada. Destacando um fator social importante na sua carreira, pois os professores tinham em média baixos salários e os cursos preparatórios forneciam uma renda boa.

Seu pior momento foi quando trabalhava á noite no Ginásio do Areal, porque preocupava-se muito com seus alunos, que mesmo em dias frios vinham para a escola sem as mínimas condições, de chinelo e sem agasalhos, depois de trabalhar o dia inteiro. Mostrando sua preocupação com a avaliação desses alunos, que decidiu fazer através de estudo dirigido: “A avaliação foi sempre na forma de estudo dirigido. Fazer uma prova para esses guris, não. Eu não estou ajudando esses guris, estou ajudando só na forma de ter uma titulação.” Esta marca na sua trajetória produziu na professora um sentimento que resultou no pedido de exoneração do Estado.

Foi coordenadora de Matemática da Escola Técnica Federal de Pelotas, onde através de vários encontros conheceu todo o Brasil, mas segundo a entrevistada foi uma época muito desgastante, porque tinha que tratar com colegas professores “dinossauros da Matemática”, uma função que não pretende exercer mais. A entrevistada mostrou os dois lados desta fase de sua trajetória, que permitiu que viajasse todo o Brasil, mas trabalhar diretamente com colegas professores era difícil.

Com relação às práticas utilizadas, dedica-se a trabalhar com o menor número de fórmulas possíveis, exige de seus alunos o caderno completo, e sempre que possível trabalha com material concreto, onde o aluno pode enxergar o que está fazendo. Estas práticas foram sendo desenvolvidas durante o tempo que lecionou como professora. Uma dúvida de uma aluna, originou a ideia de trabalhar com o concreto, um acontecimento foi produtor de uma diferença nas práticas da professora.

 Mesmo depois de aposentada a entrevistada ainda atua como professora de Matemática na escola Mário Quintana e em cursinhos preparatórios: “De vez em quando eu pegava as coisas e fazia uma bela fogueira, eu não quero estudar mais, chega, não vou trabalhar mais, aí surge uma coisa daqui e dali e eu continuo trabalhando.” Onde teve momentos no qual estava motivada a encerrar sua carreira como professora, mas um novo desafio surgia para motivá-la a continuar lecionando.

**Considerações Finais**

Apresentei aqui algumas marcas produzidas na trajetória da professora, que nos mostra como ela, hoje, olha para o caminho percorrido, suas idas e vindas pela profissão e suas escolhas no decorrer dos 50 anos dedicados ao ensino de Matemática, sendo que essas escolhas e decisões, foram tomadas segundo as oportunidades que foram surgindo, tensões, alegrias no decorrer da profissão, a professoralidade.

 **Referências**

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral.** 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.

GARNICA, A.V.M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. In: **Revista Zetetiké**, Campinas, v.11, n.19, p.9-56, Jan/Jun. 2003.

GARNICA, A.V. M. História Oral e Educação Matemática: O Estado de Arte. Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/IIsipeq/anais/pdf/gt5/03.pdf>> Acesso em: 02 Set. 2016.

PEREIRA, M. V. **Estética da professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor**. Tese - Doutorado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

PEREIRA, M. V. **Estética da professoralidade**. 1 ed. Santa Maria: UFSM, 2013.

PORTELLI, A. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Editora Letra & Voz, 2016.

REVISTA USP • São Paulo • n. 98 • p. 87-94 • JUNHO/JULHO/agosto 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/69273/71730>

RIOS, D. F**. Memórias de ex-alunos do Colégio da Aplicação da Universidade**

**da Bahia sobre o ensino da matemática moderna: a construção de**

**uma instituição modernizadora**. Tese – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VALENTE, W. R. **História da educação matemática: considerações sobre suas potencialidades na formação do professor de matemática.** In: Bolema, v.23, n.35, p.123-136, Abril. 2010.

1. Universidade Federal de Pelotas, e-mail: criselenap@gmail.com, orientador: Dr. Diogo Franco Rios. [↑](#footnote-ref-2)